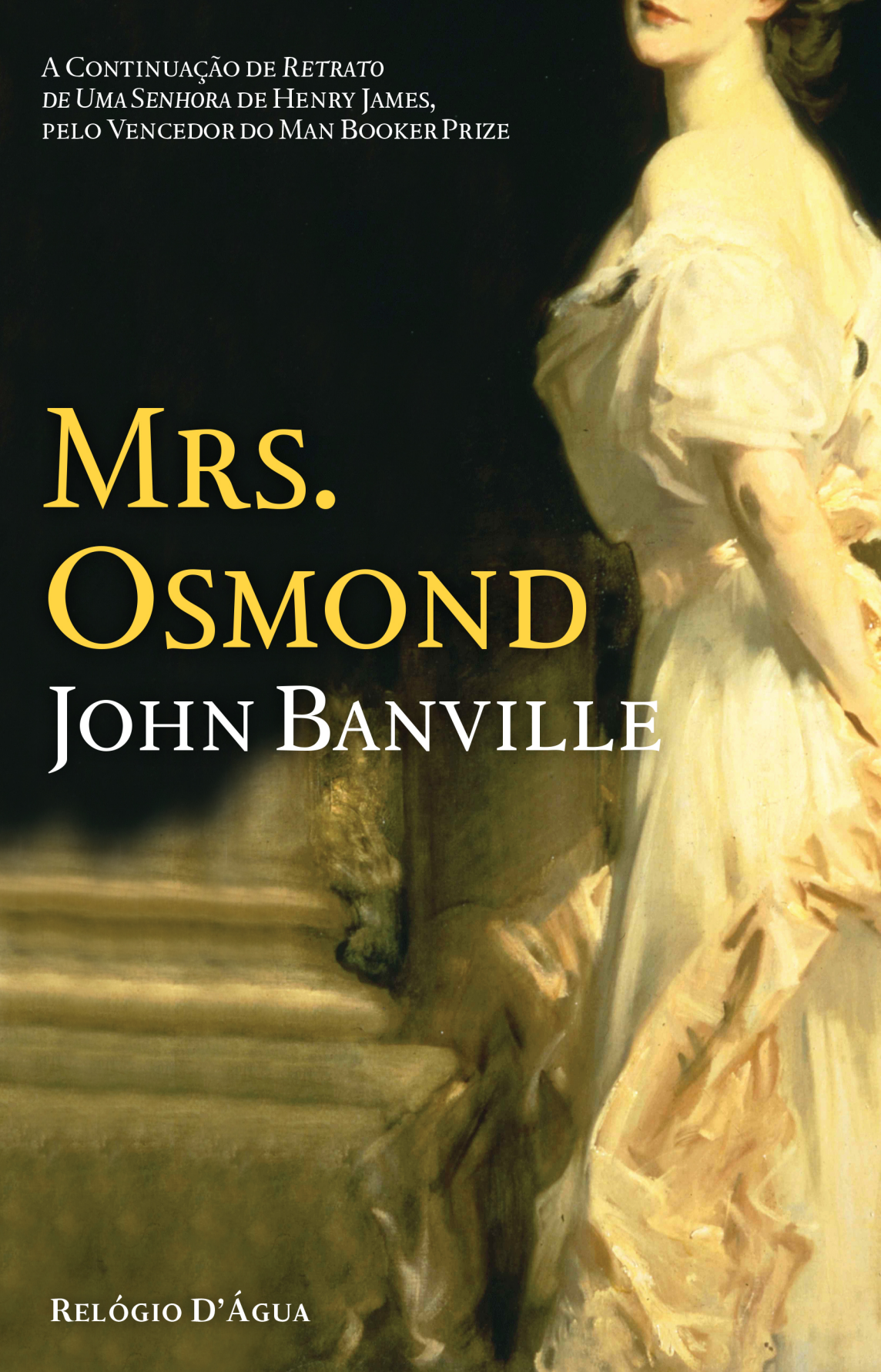


A CONTINUAÇÃO DE RETRATO  
DE UMA SENHORA DE HENRY JAMES,  
PELO VENCEDOR DO MAN BOOKER PRIZE

MRS.  
OSMOND  
JOHN BANVILLE

RELÓGIO D'ÁGUA



Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Copyright © 2017 by John Banville

Título: Mrs. Osmond  
Título original: *Mrs Osmond* (2017)  
Autor: John Banville  
Tradução: Frederico Pedreira  
Revisão de texto: Ana Cristina Câmara  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com)) sobre  
fragmento de *Nancy Witcher Langhorne, Viscountess Astor CH, MP* (1908),  
de John Singer Sargent

© Relógio D'Água Editores, setembro de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Esta obra foi publicada com o apoio de Literature Ireland.



Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-863-2

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º 445936/18

John Banville

# Mrs. Osmond

Tradução de  
Frederico Pedreira

Ficções

## I

Tinha sido um dia de grande agitação e de sobressaltos, de fumo, vapor e poeira. No seu íntimo, Mrs. Osmond conseguia ainda sentir a tremenda e constante trepidação cadenciada das rodas do comboio. Era como se ainda se encontrasse sentada no interior da carruagem, junto à janela, tal como estivera sentada durante muitas horas, que lhe haviam parecido infindáveis, com o olhar fixo e ausente voltado para a plácida paisagem campestre inglesa, que fluía interminavelmente na direção contrária à sua, em todo o esplendor verde esbatido de uma tarde de início de verão. Os pensamentos que lhe ocupavam a mente haviam-se desenrolado céleres, à velocidade do comboio, embora sem destino certo, ao invés deste. Na verdade, nunca ela havia notado de forma tão distinta o apressado, imparável e desconexo fluxo de pensamentos precipitados que lhe haviam acudido à mente desde que partira de Gardencourt. O grande monstro, resfolegante e fumegante, que parara com brusca impaciência na pequena e acanhada estação da aldeia e condescendera a que ela ocupasse um lugar num dos seus últimos compartimentos — os dedos dela ainda retinham a impressão do estofo morno e do cabedal gorduroso —, detinha-se agora arfante, depois do tremendo esforço a que se entregara, debaixo da elevada abóbada em vidro, enegrecida de fuligem, da ribombante estação terminal, regurgitando sobre a plataforma a totalidade dos seus viajantes, aturdidos e desgrenhados, bem como a confusa profusão da respetiva bagagem. Bom, dissera a ela de si para si, ao menos chegara a algum lado em concreto.

Staines, a sua criada, mal tinha acabado de sair do comboio quando encetou de pronto uma discussão com um empregado de carruagem de rosto vermelhusco. Não fosse o facto de ser mulher, poderia

dizer-se de Staines que era uma pessoa dotada de um espírito intrépido. Era uma mulher alta e descarnada, uma pessoa toda ela ossos, com pulsos salientes, pés grandes e uma queixada que fazia lembrar a lâmina de um machado primitivo. Ao longo dos anos que havia estado ao serviço de Mrs. Osmond, ou, melhor dizendo, dada a proximidade que as unia, durante os anos em que haviam feito companhia uma à outra, a dedicação de Staines à sua patroa nunca havia vacilado um milímetro que fosse. Aquando do longo exílio no Sul, a sua complacência acabara por estender-se ao comércio italiano, bem como à cozinha italiana, para não falar da canalização italiana, que por si só requeria uma resistência muito mais virtuosa. De facto, tal era a sua tenacidade de espírito, que de quando em vez Mrs. Osmond — Isabel — dera por si a desejar ardentemente que a sua criada lhe desse algum descanso, interrompendo, nem que fosse por meio dia, a sua incansável, implacável solicitude. Nas viagens que haviam empreendido juntas em tempos recentes, o sinal mais evidente, bem como a prova maior da lealdade de Staines, fora o facto de ela adotar e manter continuamente uma postura de profunda indignação, não só face à impudência dos empregados de carruagem, dos cocheiros, dos moços de recados e afins, como também diante daquilo que ela considerava ser a insistente credulidade da sua patroa, a sua deplorável ingenuidade e o seu coração irremediavelmente mole. Naquele momento, enquanto a criada, com a touca quase a cair-lhe para os olhos, dada a pujança da sua indignação, se detinha a repreender o empregado de carruagem por falhas no serviço não especificadas — na sua condição de londrina, limitava-se a exercer o direito de discutir com os da sua classe social, na cidade que era também a sua —, Isabel começou a afastar-se, com uma candura algo estupefacta que aprendera a aperfeiçoar ao longo dos anos, nos palcos de muitos e semelhantes confrontos que haviam espoletado entre a vontade de Staines e a obstinação do resto do mundo.

Desejava chegar ao hotel e aí poder inspirar a atmosfera tranquila e arejada dos seus recantos na penumbra, onde então se deixaria ficar sentada e totalmente imóvel durante um longo período de tempo, deixando também o vertiginoso fluxo dos seus pensamentos correr a seu bel-prazer. O descanso ser-lhe-ia concedido tão-só no momento em que deixasse de pensar, e, contudo, como se poderia realizar esse maravilhoso truque? A morte do seu primo Ralph Touchett num fim de tarde, não há muito tempo, em casa de sua mãe, em Gardencourt

(é espantoso pensar que para ele a eternidade havia começado num momento preciso e mensurável, marcado por um clique do relógio), deixara-a com uma tarefa em mãos difícil de resolver, como uma espécie de exercício de geometria ou de álgebra. A solução que lhe era necessário obter não era nem mais nem menos do que encontrar uma forma conveniente de manifestar o seu pesar pelo falecimento do jovem em questão. Na verdade, não seria já adequado dizer que o seu primo era jovem, e contudo era assim que ela se lembrava dele, e sem dúvida que seria assim que sempre se recordaria da sua pessoa. Talvez fosse esse o ponto fundamental da sua dificuldade, dado que parecia quase escandaloso derramar lágrimas por uma pessoa cuja vida havia sido marcada pela morosa destruição de uma devastadora doença, de tal forma que dificilmente se poderia dizer que ele chegara efetivamente a viver. Assim que isto lhe ocorreu, Mrs. Osmond censurou-se de imediato. Quem era ela afinal para julgar a qualidade de vida de fosse quem fosse, por muito breve ou castigada que tivesse sido essa vida? Porém, por detrás desse pensamento censurado espreitava uma formulação mais sombria e irreprimível, a de que o período mais intenso da vida de Ralph ocorrera por intermédio dela, através da forma arrebatada como ele vivera as experiências da prima, observando com um espanto risonho, do lugar que lhe cabia na primeira fila, todos os seus espantosos voos, as suas brilhantes investidas, de um lado para o outro, bem lá no alto, sob as luzes ofuscantes, no alto, bem lá no alto, sob os auspícios do imenso, tremendo apogeu. Ter vivido através de outra pessoa, mesmo através de alguém que ele sempre venerara, representara o culminar do triunfo de Ralph, bem como o abismo do seu fracasso. Quanto ela desejava agora ter sido capaz daquela grandeza que ele projetara nela, aqueles passos mais ousados, piruetas ainda mais graciosas no ar, seguidas de descidas amparadas pela firmeza de um só dedo do pé, o movimento circular de vénias com os braços esguios muito abertos. O que ele nunca teria esperado, o que ele nunca teria imaginado sequer ser possível no caso de uma mulher tão equilibrada como ela, era a imensa, catastrófica descida a pique das alturas que resultara do facto de se ter casado com a pessoa absolutamente errada.

Atrás de si, começou a ouvir a inconfundível firmeza de alguns passos, e volvidos instantes Staines assomou junto ao seu ombro, de plumagem rarefeita, num desalinho crepitante, preparando-se então para a inevitável reprimenda.



“Ora, finalmente a encontro, minha senhora!”, disse a criada num tom de voz alto, pois a sua voz era tão imponente e estrepitosa quanto a sua presença física. “Andava à sua procura por todo o lado, no meio desta gente que só sabe andar aos empurrões.”

“Continuei a andar, foi só isso”, disse Isabel num tom vago de protesto, oferecendo ao mesmo tempo um sorriso atenuador. No entanto, Staines não parecia receptiva a apaziguamentos, e assim a sua patroa ficou à espera, quase com um laivo de interesse, para saber de que forma iria a outra envolvê-la na contenda que tivera lugar ainda há pouco na gare da estação, e na qual ela própria não havia experienciado mais do que um olhar algo macambúzio da parte do empregado de carruagem e uma imprecação dita a meia-voz assim que ela lhe voltara costas.

“O descaramento daquele sujeito!”, disse então a criada, enchendo as bochechas de ar, conforme fazia sempre que ficava irada. “Bom, também ouviu das boas, isso posso garantir-lhe.” Ao dizer isto, vincou bem o seu silêncio ao ajeitar a extremidade do laço da sua touca, e quando retomou o discurso o seu tom parecia denotar mais pesar do que propriamente censura. “Naturalmente, se ele soubesse que vossemecê estava de luto, não tenho dúvidas de que se teria comportado de forma bastante diferente.”

Desta vez, Isabel guardou o sorriso para si mesma. A criada acabara de aludir, num tom dissimulado, ainda que não menos certo por isso, à alteração que se desenrolara entre si e a sua patroa, antes de terem partido de Gardencourt, a propósito de uma faixa de luto, alteração essa que, ao contrário do que geralmente acontecia, acabara por ser perdida pela mais determinada das adversárias. Para todos os efeitos, não deixava de ser uma fita de crepe preto perfeitamente aceitável, o que a criada propusera, com um semblante apropriadamente solene, e a questão resumia-se a perceber qual das duas se mostrara mais surpreendida assim que Isabel recusara, num tom educado mas firme, que essa faixa de luto fosse colocada de modo visível na manga do seu sobretudo de viagem. Depois de breves instantes em que se instalara um silêncio resultante do choque, a criada começara a protestar, e contudo os seus protestos tinham acabado por não surtir qualquer efeito; tratara-se de uma daquelas ocasiões, raras mas decisivas, em que a senhora mostrava a sua firmeza e a criada, prudente, era obrigada a recuar alguns passos. Mrs. Osmond não usaria uma faixa de luto e ponto final, não haveria sequer possibilidade de discus-

são. Staines amuara, naturalmente, e entretanto esperara a sua oportunidade, até agora, altura em que a reluzente espada da sua patroa havia sido novamente embainhada e ela poderia finalmente contra-atacar. “Sim, tenho a certeza”, disse ela, com uma espécie de menear de cabeça implícito no seu tom de voz, “tenho a certeza de que mesmo um rufia da laia dele teria mostrado um pouco de respeito pelo luto de outra pessoa, isto se ao menos tivesse visto alguma coisa que comprovasse esse luto.”

Isabel optou por não responder a esta investida; com o passar dos anos, acabara por perceber que um silêncio distante e não declarado era muitas vezes a forma mais eficaz de rebater as insinuativas provocações da sua criada. Na verdade, ela própria não estava certa da razão de se ter recusado a usar aquela faixa na manga, chegando a ponto de emprestar grande veemência ao seu tom de recusa. Talvez fosse porque lhe parecia excessiva semelhante ostentação pública do seu sofrimento; e que isso representava uma transgressão das regras da decência, e mesmo uma transgressão à luz do pudor. Por outro lado, estava certa de que o próprio Ralph teria experimentado o maior prazer em contemplá-la vestida da cabeça aos pés de bombazina negra, a que se acrescentaria o véu negro e a ampla faixa negra, tão-só com o intuito de a provocar e de rir à sua custa, no tom irónico e amável que era o seu. Assim sendo, pensava ela agora, quiçá pudesse ter transigido face àquela inofensiva convenção da faixa de luto, nem que tivesse sido para conceder ao espírito de Ralph um momento de diversão no lugar onde ele agora se encontrava, nesse reino sombrio onde por certo ele teria aproveitado a oportunidade para desenhar no rosto até o mais ténue dos sorrisos. Ele dera-lhe tanto, e fora afinal tão pouco o que pedira em troca.

Saindo por fim da zona da estação e da sua atmosfera saturada de carvão, Mrs. Osmond teve a sensação de que mergulhara num ambiente vaporoso e iluminado que parecia simultaneamente atravessado e privado de ar puro. Vivera durante tanto tempo num clima sulista impiedoso que a cidade de Londres lhe parecia quase incorpórea, totalmente privada de contornos. Mesmo à luz do Sol, como era agora o caso, a cidade revelava um brilho perlado, e as suas sombras exibiam uma intensa tonalidade de malva. Também a multidão que se deslocava de um lado para o outro, passando por ela como uma espécie de tapeçaria em constante mutação, assomava aos seus olhos envolta numa espécie de vagueza etérea, como se todas essas pessoas, apesar da



determinação investida nos seus passos e da fixidez com que olhavam em frente, não estivessem totalmente certas do destino que tomavam, ou como se não estivessem recordadas do seu ponto de partida, não dando, ainda assim, sinais de se incomodarem muito com qualquer um dos casos. Entretanto, já ela começara a sentir-se mais tranquila e apaziguada; não dera conta, antes de chegar à cidade, do quão ardente fora o seu desejo de se achar rodeada dos elementos estranhamente apaziguadores desta grande metrópole do Norte. Não conhecia Londres, pelo menos não de uma forma íntima; havia passado breves temporadas na cidade, em visitas, mas na maior parte das vezes contemplara-a não com os seus próprios olhos mas através dos olhos de outras pessoas — do seu marido, de Ralph Touchett e da sua mãe, da sua amiga Henrietta Stackpole; e através dos olhos de alguns pintores, e de poetas e romancistas — tantos! — todos os Dickens e Thackerays, os Byrons e os Brownings, os bardos que haviam cantado ao seu ouvido, na remota cidade de Albany onde passara os anos da sua juventude, falando-lhe deste mágico e remoto País de Cocanha.

Antes de ter avistado o homem em questão, chegou-lhe aos ouvidos o choro dele. Era um som esquisito, ao que parecia sem origem humana, e ao início ela olhou em redor em busca de alguma criatura que pudesse andar por ali ferida, uma gaivota ainda pequena, quiçá, que pudesse ter caído da borda de um parapeito alto e estivesse agora a chamar lacrimosa pela sua mãe. Mas não, era de facto um homem. Era entroncado, largo de ombros, embora o seu aspeto não fosse o de um indivíduo sadio, e tinha uma cabeça igualmente larga e angulosa, um cabelo muito ruivo e um bigode também ruivo e de pontas encaracoladas. O homem pusera-se à esquina da longa via que conduzia ao recinto exterior da estação. Parecera a Mrs. Osmond que nunca tinha visto ou ouvido um homem adulto a chorar daquela maneira, de forma tão copiosa, desamparada, desenfreada. Os seus olhos azuis inundados de lágrimas estavam bordejados a vermelho, e o seu lábio inferior, inchado e reluzente, tremia como o de um bebé. Usava uma camisa sem colarinhos, um velho par de calças de fustão, reluzentes de fuligem, e um casaco de sarja desbotado que era demasiado pequeno para o seu tamanho e lhe prendia o movimento dos braços, deixando-lhe irremediavelmente expostos os pulsos brancos e frágeis. Permanecia no mesmo sítio, e contudo não deixava de fazer rodar o corpo, primeiro numa direção, depois noutra, como se tivesse sido acometido por um ataque de convulsa indecisão. Ao seu lado, no pavimento,

encontrava-se uma espécie de trouxa disforme cujo conteúdo não era discernível, amarrada com um trapo. De início, parecia que o homem estava calçado, mas agora que Isabel olhava com mais atenção, pôde ver que os seus pés estavam descalços, totalmente cobertos com uma camada de sujidade negra que mais parecia alcatrão. O brilho acobreado do seu bigode, atravessado por cintilantes regatos de lágrimas, e a flácida palidez da sua pele sardenta pareciam intensificar e estimular, aos olhos dela, o que havia de triste e de abjeto na exposição pública daquele homem; era como se de um momento para o outro ele tivesse sido esfolado vivo, tendo-lhe sido arrancada a pele que antes o protegia, e o seu cabelo se inflamasse ao ponto da incandescência pelo facto de se achar assim tão despido e desavergonhadamente exposto à frente de todos.

“Oh, repara só naquela pobre criatura!”, disse Mrs. Osmond numa voz ofegante, levando a mão ao braço da criada para que também ela detivesse os passos. “Temos de fazer alguma coisa para ajudá-lo.”

Porém, Staines não se mostrou impressionada, e mal chegou sequer a voltar o olhar na direção do homem que chorava, sem sair do mesmo sítio, soluçando, estremeçando e balançando-se sem parar. “Não há como ajudar quem não quer ser ajudado”, disse a criada, com uma fungadela, continuando então a caminhar com passo decidido, apesar do toque da sua patroa, que lhe pedia que parasse. Depois de um instante de hesitação, Isabel não teve alternativa senão seguir no seu encaço, ainda que com um coração amargurado. Era estranho: afinal de contas, Staines, que muito provavelmente partilhava as mesmas origens sociais daquele homem que ali chorava, deveria ter sentido com maior urgência o ímpeto de lhe prestar socorro, e, ao invés disso, voltara o rosto para outro lado, os seus lábios comprimidos numa ténue linha branca. Porém, era compreensível, apesar de tudo: os instintos da criada correspondiam aos de uma pessoa ainda não contagiada que repele com desdém uma amaldiçoada vítima da peste. No caso de Isabel, porém, que acumulava no banco riqueza suficiente para lhe garantir a imunidade, não podia ser mais evidente que o seu dever era precisamente o de socorrer pessoas que partilhavam do mesmo estado que aquele homem, todas essas pessoas desalentadas do mundo que haviam caído em desgraça. Ainda assim, regras eram regras: aplicavam-se em ambos os sentidos, para baixo e para cima, e ela estava ciente da impossibilidade de desobedecer à sua criada e de se aproximar do homem que chorava,

mesmo unicamente com o intuito de lhe largar uma moeda na mão, com o rosto crispado de vergonha.

No interior do cabriolé, cuja escolha era um direito que Staines naturalmente se arrogava, Isabel ocupava o lugar mais perto da janela aberta, para poder aproveitar todo o ar fresco que a atmosfera cidadina lhe podia oferecer. Depois de alguns momentos de maior exaltação ao abandonar a estação, ela recaíra mais uma vez no estado de semientorpecimento que a visitara anteriormente. A cadência arrastada do comboio foi então substituída pelo estrepitoso ruído das rodas de aço a deslizarem no macadame do pavimento. Isabel contemplava da janela o panorama da cidade que deslizava ao seu lado, tal como se observasse uma série de gravuras em movimento por intermédio de um óculo. Sentiu-se entorpecida e siderada, como alguém que após um longo período de doença é levado a “dar uma volta” para supostamente se revigorar. Tinham já atravessado o parque e desembocado no cacofónico bulício de Knightsbridge. Isabel olhou de relance para Staines, que se sentava muito hirta no assento oposto ao dela, com a sua queixada proeminente e imperturbável e o seu olhar cético, fixo na correnteza de montras adornadas com esplendor. “Sentes-te feliz por te veres rodeada destas coisas familiares?”, perguntou. “Quer dizer, estás feliz por voltar a casa, ainda que por pouco tempo?”

A criada dirigiu-lhe um olhar empedernido, duro como rocha. “Como assim? Refere-se a Londres?”, disse por sua vez. Então, o seu rosto crispou-se num esgar desdenhoso, e de seguida encolheu os ombros franzinos. “Isto” — continuou, voltando a ponta do nariz afilado à elegante parada de sombrinhas e de chapéus de seda que se cruzavam na via pública muito frequentada —, “isto não é a *minha* Londres, *minha* senhora.”

Isabel respondeu à réplica da criada com o seu habitual e indefinido sorriso, e mais uma vez voltou a afundar-se nos seus pensamentos, como se puxasse para si as dobras de uma ampla capa que nada deixasse exposto. Ser-lhe-ia impossível ficar verdadeiramente aborrecida com Staines; sabia que o que naquela jovem mulher parecia um imenso, incansável e irascível desdém não passava de uma máscara necessária para ocultar a sua incapacidade de mostrar a contínua e deslumbrada estima que tinha pela tolerância e pela lealdade da patroa. Isto porque a criada adorava a sua senhora, de um modo incoerente e inexprimível, e estaria disposta, como ela própria poderia dizer, a

caminhar descalça sobre brasas incandescentes só para proporcionar a Isabel uma centelha de calor, se tal fosse necessário. Reconhecendo este facto pela milésima vez no seu íntimo, Isabel deu por si a pensar novamente no homem que vira a chorar, um tema não totalmente desavindo com o anterior. Era um facto: nunca tinha visto uma pessoa adulta exhibir em público tamanho desamparo, tamanha infelicidade, tamanha aflição de fundo infantil, e agora, porém, ocorria-lhe, a ela, que tantos golpes havia sofrido no seu íntimo em tempos recentes, perguntar-se a si mesma com espanto porque não se via aquele espectáculo com maior frequência, porque não se tratava de uma ocorrência diária, passível de ser testemunhada a qualquer altura em qualquer esquina nas ruas — afinal, por que razão não éramos todos dados a periódicos ataques de choro em público? Ela estava convicta de que, dada a escala das coisas, o peso correspondente ao sofrimento que há no mundo acabaria por provocar um tal desequilíbrio na balança que levaria a que o outro prato embatesse com violência no topo do lado oposto. De facto, ao pensar nisto, sentiu que seria essa a altura indicada para mandar a carruagem parar, se apear de seguida e correr de volta para junto do pobre desgraçado, ocupar o lugar ao seu lado e despejar os seus tormentos para o ar que todos respiravam; mas claro que não o fez.

Como teria aquele homem chegado àquela lamentável situação? Dado o arrebatamento com que chorava, talvez tivesse tomado subitamente consciência de quão desesperadas eram as circunstâncias que o enredavam, e contudo ainda não há muito tempo teria por certo experienciado situações aflitivas daquele género, isso era por de mais evidente. Talvez uma nova desgraça tivesse acabado de se abater sobre ele. Parecia a Isabel que o homem não chorava por algo em particular, mas por um estado de coisas generalizado, como se naquele dia, por fim, todas as desgraças e tormentos da sua vida, se é que vale a pena chamar-lhe vida, tivessem culminado numa crise e acabassem por o derrotar. Devia ela ter desafiado a vontade de Staines e oferecido ao homem pelo menos uma ou duas palavras de consolo? Suspeitou que nada poderia servir de consolo a um sofrimento como o dele, e contudo esta suspeita, por forte que fosse, não conseguiu ilibá-la de um sentimento de culpa. Não seria afinal de contas seu dever (dada a sua posição vantajosa) estender uma mão aos desalentados e indefesos, àqueles que talvez pudessem ter voado a grande altura, mas que tinham acabado por cair a pique do céu, jazendo agora com uma asa

quebrada, agitando-se e estremeçando no chão aos seus pés? O seu espírito, a melhor parte de Isabel, gemia de compaixão pelo homem lavado em lágrimas, e contudo as defesas necessárias erguiam-se já numa outra região, mais fria e calculista, da sua consciência. Afinal de contas, o que poderia ela ter feito pelo pobre desgraçado? Que consolo poderiam ter-lhe oferecido algumas palavras suas? Dinheiro, sim, podia ter-lhe oferecido dinheiro, uma avultada quantia, por certo; mas nem mesmo essas moedas o teriam salvado, pois seguramente aquele homem estava para lá de toda e qualquer salvação. Não: seria o mesmo que esperar servir de auxílio às almas condenadas do Hades. E no entanto...